

[Temporada de Furacões] [Fernanda Melchor]

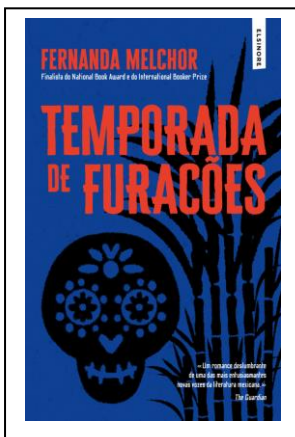
[Fernanda Melchor] Biografia:



Fernanda Melchor nasceu em 1982, em Veracruz, no México. É autora de um volume de contos e de três romances, que lhe granjearam o reconhecimento da crítica internacional e um lugar de destaque na atual literatura sul-americana. Melchor formou-se em Jornalismo pela Universidad Veracruzana onde foi coordenadora de Comunicação do campus Veracruz-Del Río. Publicou ficção e não-ficção em várias revistas, inclusive The Paris Review, La Palabra y el Hombre, Letras Libres, Excélsior, Replicante, Milenio semanalmente, Le Monde diplomatique, Vice Latinoamérica, GQ Latinoamérica e Vanity Fair Latinoamérica. Iniciou a carreira de escritora em 2013 com a publicação de *Aquí no es Miami* (2013), coletânea de jornalismo literário, e *Falsa Liebre* (2013), seu primeiro romance. *Temporada de huracanes* - um romance baseado no assassinato de uma mulher tida como bruxa numa pequena cidade no estado natal de Melchor, Veracruz - foi apresentado como um dos melhores romances do México em 2017. O livro foi traduzido para o alemão e para o inglês e ganhou o Prémio Internacional de Literatura de 2020 da Haus der Kulturen na Alemanha, tendo sido selecionado para o Prémio Internacional Booker de 2020.

Melchor ganhou ainda o Prémio PEN México de Excelência Literária e Jornalística (2018) o Prémio Internacional de Literatura e o Anna Seghers-Preis junto com o escritor alemão Joshua Gross (2019) e o Prémio Literário Casino da Póvoa atribuído no âmbito do festival Correntes d'Escritas, com a obra "Temporada de Furacões" (2024).

Sinopse de [Temporada de Furacões]



Nesta obra multipremiada de uma das vozes mais entusiasmantes da literatura sul-americana, o romance policial e a história de terror se encontram para traçar um retrato de um México sem lei nem esperança. Uma experiência literária hipnótica e devastadora.

A Bruxa está morta. Um grupo de crianças encontrou o seu corpo mutilado a flutuar num canal de irrigação. Esta descoberta macabra leva a polícia de La Matosa, um lugar perdido no México, a procurar os envolvidos no crime. Cada um contará a sua versão dos acontecimentos, abrindo as portas de um inferno de violência e abandono, onde as drogas, o sexo, a pobreza e o desespero convivem com a superstição e a mitologia, traçando o retrato assustador de um México sem lei nem esperança.

Aclamado pela crítica internacional, que o compara a obras de Cormac McCarthy e de Roberto Bolaño, com ecos da melhor tradição da literatura sul-americana, de Gabriel García Márquez a Juan Rulfo, Temporada de Furacões é um romance originalíssimo, escrito no limite da oralidade, que subverte as convenções da crónica e do romance negro, revelando um lirismo inesperado.

Escritora mexicana Fernanda Melchor vence Prémio Literário Casino da Póvoa

A autora venceu a 25.ª edição do Prémio Literário Casino da Póvoa com o livro "Temporada de Furacões", publicado em Portugal pela editora Elsinore.

Observador | Lusa



A escritora mexicana Fernanda Melchor venceu a 25.ª edição do Prémio Literário Casino da Póvoa, com o livro Temporada de Furacões, publicado pela Elsinore, foi esta quarta-feira anunciado no festival Correntes d'Escritas.

O júri foi constituído por Ana Gabriela Macedo, Carlos Vaz Marques, Isabel Lucas, Isabel Pires de Lima e José Mário Silva. “O romance destaca o lado mais sombrio da natureza humana, numa comunidade dominada pela violência mais extrema e pela luta entre cartéis de droga. Com uma escrita torrencial marcada pela coloquialidade, a escritora dá corpo a uma narrativa polifónica que exacerba a existência de personagens, elas próprias restos na periferia da periferia. Tudo isto conduz o leitor a uma experiência de vertigem, isenta de qualquer tentação moralista”, escreveu o júri. O prémio, agora de 25 mil euros, vai ser entregue no sábado, a par dos demais galardões do evento que começou esta quarta-feira em pleno na Póvoa de Varzim.

Temporada de furacões, publicado em Portugal em janeiro do ano passado, é um romance original e violento, que aborda temas como machismo, abusos sexuais e superstição no México. Este terceiro livro de Fernanda Melchor, atualmente um dos nomes mais aclamados da literatura latino-americana, foi lançado no México em 2017, tendo conhecido de imediato, e principalmente após começar a ser traduzido para língua inglesa, enorme sucesso junto da crítica e do público, arrecadando importantes prémios como o International Literature Award, PEN



México Award for Literary and Journalistic Excellence e Anna-Seghers. Temporada de furacões figurou ainda na lista de finalistas ao National Book Award, ao Dublin Book Award e ao Prémio Booker Internacional, um dos mais importantes para obras de ficção traduzida para inglês, a que voltou a ser candidata em 2022, com o seu último romance, *Paradise*, publicado este mês em Portugal, também pela Elsinore. A voz de Fernanda Melchor junta-se à de outras autoras latino-americanas que se têm destacado por uma escrita poderosa e incómoda, que abordam temas como a violência, o abuso sexual, a pobreza, a corrupção e a superstição, aliando, neste caso, o conteúdo a um estilo narrativo original, caracterizado por blocos de texto corrido sem parágrafos, com avanços e recuos temporais e mistura de discursos direto e indireto. A história passa-se em La Matosa, aldeia pobre do interior do México frequentemente assolada por furacões, e começa com um grupo de crianças que encontra um corpo mutilado a flutuar num canal de irrigação. Este cadáver é a Bruxa, uma espécie de curandeira, que herdou da mãe “o negócio das curas e dos malefícios”, de quem ninguém conhece o nome, pois era tratada por “menina” pela mãe, e passou a ser Bruxa (como também a mãe era conhecida) quando ficou sozinha. Temida e respeitada, a Bruxa era procurada por todos os que precisavam de ajuda para resolver problemas, desde abortos a feitiços para atrair ou afastar a pessoa amada. Na busca do assassino, a história vai sendo narrada, na terceira pessoa, sob o ponto de vista de diferentes personagens ligadas direta ou indiretamente à Bruxa. É através das histórias dessas pessoas, que se vai desvendando a violência daquela sociedade, com relatos de misoginia, homofobia, racismo, erotismo perverso, violação, pedofilia, corrupção, sempre envoltos numa aura de superstição que parece tudo querer justificar. A inspiração para esta história de ficção partiu de um acontecimento real, de que Fernanda Melchor teve conhecimento através de uma notícia de jornal. Uma mulher foi assassinada e o seu corpo encontrado num canal perto de Veracruz, cidade onde a escritora nasceu há 41 anos, tendo o assassino confessado que cometeu o crime porque a mulher o tentara enfeitiçar, um episódio revelador da dimensão que a crença no sobrenatural ocupa naquela região. O romance de Fernanda Melchor também não deixou indiferentes as escritoras argentinas Mariana Enriquez e Samanta Schweblin, outros aclamados nomes da nova literatura latino-americana. A primeira, autora de *A nossa parte da noite* e *As coisas que perdemos no fogo*, descreveu esta obra como “uma experiência literária intensa e hipnótica, na qual a violência física e a hostilidade da paisagem se aliam para formar um microcosmo de desespero”. “Fernanda Melchor é detentora de uma voz poderosa, e por poderosa entendo implacável, devastadora, a voz de alguém que escreve com raiva e que tem o talento para a exprimir”, considera, por sua vez, Samanta Schweblin, autora de *Pássaros na boca* e *Distância de segurança*. Nascida em 1982, Fernanda Melchor é escritora e tradutora, sendo formada em jornalismo com um mestrado em Estética e Arte. Colabora com vários jornais e publicou, além dos dois romances já editados em Portugal, um volume de contos, *Aquí no es Miami* (2013), e o romance *Falsa libere* (2013). O seu mais recente romance, *Paradise*, é também uma exploração da violência e fragilidade da sociedade mexicana, das suas tendências racistas, classistas e hiperviolentas, centrada num adolescente pobre e desajustado que sonha em fugir da sua aldeia miserável. Trabalhando como jardineiro num condomínio de luxo, de nome *Paradise* e situado na margem oposta do rio que divide a localidade mexicana de Progreso, onde vive, o jovem Polo vê-se obrigado a servir os ricos e a ser explorado pelo patrão. Nesse condomínio, conhece o obeso e solitário Franco, filho de um advogado influente, com quem estabelece uma relação momentânea, regada a álcool, cigarros, baboseiras e fantasias. Viciado em pornografia, Franco desenvolve uma obsessão por uma vizinha atraente e casada, ao

ponto de engendrar com Polo, durante os seus encontros secretos junto ao cais, um plano macabro para obterem aquilo que julgam merecer.

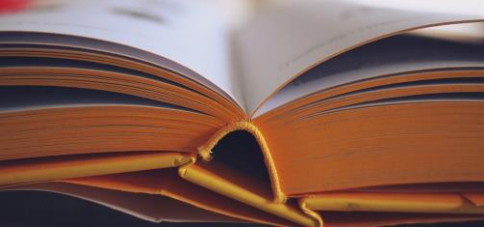
Fernanda Melchor: A literatura tem força, mas não a obrigação de mudar o mundo

21 fev, 2024 - 21:59 • Maria João Costa / Renascença

A autora mexicana, que venceu o prémio das Correntes d'Escritas, considera que literatura é muito lenta a mudar consciências, o ativismo é mais eficaz. Fernanda Melchor reagiu, a partir do México, ao prémio. Lamenta que 10 anos depois de ter escrito "Temporada de Furacões", a violência, o crime e a injustiça persistam no México.



Fernanda Melchor entrevistada por Maria João Costa



A notícia do prémio chegou de madrugada. Eram 4h00 da manhã no México quando Fernanda Melchor foi surpreendida com a atribuição do **Prémio Literário Casino da Póvoa**, concedido esta quarta-feira no âmbito do Festival **Correntes d'Escritas** da Póvoa de Varzim ao livro "Temporada de Furacões" (ed. Elsinore). Numa ligação via internet a partir do **México**, a autora que acaba de ver publicado em Portugal "Paradise" (ed. Elsinore), o seu segundo livro, confessa-se "muito contente" com a notícia do prémio que "honestamente não estava à espera". "Temporada de Furacões" foi o livro que escreveu há 10 anos e que retrata o lado marginal do México, os cartéis de droga, a violência e o crime. Em resposta à **Renascença**, **Fernanda Melchor** lamenta que nada tenha mudado numa década. Sobre este livro, que admite ter escrito "numa fase de crise" do seu país e mergulhada numa "crise pessoal", a escritora considera "muito inquietante ver que as coisas não melhoraram, e até pioraram".

"Continua a haver muitos crimes contra mulheres, muitos crimes relacionados com a luta contra as drogas, os cartéis, a delinquência organizada, mas também crimes realizados pelo próprio Estado", denuncia. É por isso um "livro atual", diz Melchor, em ano de eleições no México. A autora mostra-se desapontada por haver hoje no seu país um clima de banalização da violência. Diz mesmo ser "tenebroso" essa "indiferença das pessoas no México".

"Se queremos mudar o mundo, a literatura não é uma boa forma para o fazer. O ativismo parece mais importante"

"Quando escrevi este livro, o que queria era romper esta indiferença, porque o problema das drogas e da violência tem muitos anos e acostumamo-nos. Eu escrevi este livro com essas palavras duras, com essa linguagem tão crua, com essa violência tão explícita, porque queria sacudir as consciências". A **Renascença** perguntou, por isso, a Fernanda Melchor qual a força que a literatura tem? Na resposta, a autora considerou que "a literatura tem essa força, mas não tem essa obrigação" de mudar consciências.

"Se queremos mudar o mundo, a literatura não é uma boa forma para o fazer. O ativismo parece mais importante, porque a literatura atua só de pessoa em pessoa. É muito lenta. **A mudança social requer outro tipo de força, mas a literatura serve para expressar a verdade do que vemos.**" Em "Temporada de Furacões", Melchor diz ter mostrado "a verdade do que via, as histórias que não surgiam nas notícias e nos jornais". Considera uma das novas vozes da América Latina, a autora diz que irá usar o prémio para continuar a escrever. A essa a entrevistas, Fernanda Melchor quase nunca participa em eventos literários, diz que para si "o mais importante tem sido encontrar o silêncio".

"As pessoas são muito gentis comigo, mas quando falam enchem-me a cabeça de ruído. Também as críticas más me enchem a cabeça! Quando me sento a escrever, se tenho a cabeça cheia de outras vozes, não consigo ouvir a minha. Tem sido uma grande luta para encontrar o silêncio e continuar a trabalhar. Não tentar-me a publicar qualquer coisa, se não encontrar uma história que realmente precisa de ser contada, como "Temporada de Furacões, e encontrar uma forma de contar que acrescente algo à literatura", diz. Convidada pela editora Clara Capitão a visitar Portugal, Fernanda Melchor admite que gostava de conhecer o país e a cidade de Lisboa, onde se passa um dos seus livros preferidos, o "Afirma Pereira" de António Tabucchi.

Los Angeles Times

Verdadeiras histórias mexicanas tornam-se lendas na não-ficção que desafia o género de Fernanda Melchor



A romancista mexicana Fernanda Melchor recorre à não-ficção com resultados poderosos em “This Is Not Miami”. **(Major Lindstrom)**

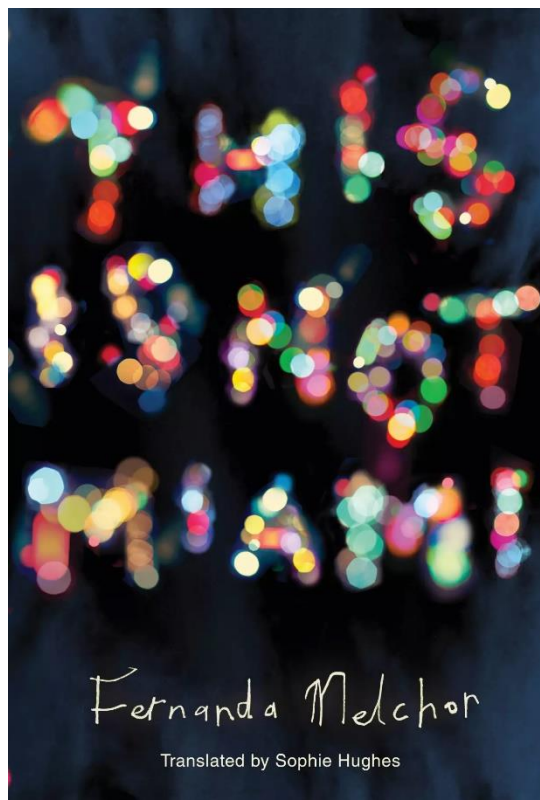
Em “ This Is Not Miami ”, seu novo livro de não-ficção, Fernanda Melchor conta a história real de um linchamento em sua casa em Veracruz, um estado na Costa do Golfo do México. Em 1996, um homem chamado Rodolfo Soler foi acusado de estupro e assassinato, e Melchor relata a vingança dos habitantes da cidade - torturando-o e queimando-o vivo - em uma prosa tão legal quanto grotesca. “Depois que ele caiu no chão, cortaram seu pé esquerdo com um facão para ver se ele ainda estava vivo”, ela escreve, “e como ele continuava gemendo, derramaram outra lata de combustível sobre ele”.

A determinação firme face à violência tem sido uma marca registrada da notável e ainda incipiente carreira de Melchor. “ Hurricane Season ”, seu primeiro romance traduzido para o inglês e finalista do International Booker Prize 2020, explora o desaparecimento de uma “bruxa” de Veracruz em um

ambiente de drogas, violência, pornografia e outros vícios diversos. O sucessor do ano passado, “Paradais”, foi um romance fino, mas potente, sobre uma agressão sexual, desde seu planejamento cruel até sua execução agonizante.

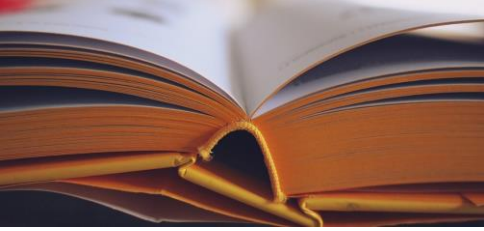
Em pouco tempo, Melchor estabeleceu alguns temas claros em seu trabalho: A forma como a misoginia, a violência e o tráfico de drogas se entrelaçam; como o medo força os espectadores a prestarem atenção às suas palavras; e como os eufemismos e silêncios resultantes criam uma espécie de folclore em torno de um lugar. “Hurricane Season” é construída a partir de histórias contínuas, repletas de boatos, sobre a bruxa em seu centro; “Paradais” apresenta uma casa supostamente mal-assombrada que serve de devoradora de pecados para seus personagens.

Consistente com seu interesse pela mitologia, a linha entre verdade e ficção fica confusa em “Miami”. Apresentado como “não-ficção narrativa”, mas formalmente solto, é deliberadamente desorientador. Melchor está incentivando o leitor a reavaliar as premissas em torno das quais fazemos julgamentos sobre pessoas, países ou regiões inteiras.



'Isto não é Miami', de Fernanda Melchor (Novas direções)

Melchor é sincera sobre suas intenções. Numa nota introdutória da autora, ela diz que seu objetivo é “contar histórias da maneira que considero a mais honesta possível: aceitando a obliquidade inerente da linguagem e usando-a em benefício da história”. As pessoas e os incidentes sobre os quais ela escreve são reais, ela escreve, mas ela quer reconhecer a subjetividade inerente até mesmo à escrita mais objetiva, “a ficção inerente a cada construção de linguagem”. Este é um negócio complicado: o “Estou explorando cuidadosamente as deficiências inerentes da linguagem” de um jornalista é o “Vou dançar em torno de fatos que são inconvenientes para mim” de outro. O jornalismo literário americano está repleto de casos problemáticos: o “romance de não-ficção”



policia verdadeira de Truman Capote, “ In Cold Blood ”, tinha erros factuais e cenas inventadas; “Visão Fatal”, de Joe McGinniss, teve suas falhas investigativas autopsiadas por Janet Malcolm e Errol Morris; A reportagem de John D'Agata sobre Las Vegas, publicada como “ About a Mountain ”, desencadeou uma batalha entre o autor e seu verificador de fatos tão acalorada e abrangente que eles acabaram colaborando em um livro inteiro sobre o assunto, “ The Lifespan of um fato .” Em todos estes casos, a preocupação central era o que se ganha e se sacrifica quando se tenta transformar factos em arte. O que isto significa para Melchor, ao que parece, não é tanto uma necessidade de fabricar, mas um esforço para descobrir como estas histórias sombrias se tornam lendas, como a nossa imaginação remodela realidades sombrias. Às vezes, a remodelação é musical: a história trágica de Soler, por exemplo, é intitulada “Balada do Homem Queimado” e apresentada através de uma canção sobre ele. Às vezes é metafórico: no ensaio pessoal de abertura, intitulado “Luzes no Céu”, Melchor lembra-se de observar fileiras de luzes no céu noturno com noções românticas de imaginar alienígenas “em busca de um planeta mais hospitaleiro”. Só mais tarde ela percebe que as luzes são provavelmente aviões do narcotráfico.

As histórias de Melchor intensificam-se a partir dessa abertura relativamente inocente: os refugiados na história do título esperavam chegar à América como passageiros clandestinos, mas partiram de um porto demasiado cedo, “cobertos de vergões que pareciam marcas de chicote”. Melchor lembra que, em um encontro, um homem lhe contou sobre uma casa mal-assombrada e um exorcismo, uma história que ela reflete sobre seu próprio amor por “ O Exorcista ”, de William Peter Blatty, que ela leu “cerca de dez vezes”. Outro homem conta a ela sobre como o cartel Los Zetas causou tanto medo nos moradores locais que “você os chamou de 'caras da última carta', como em zee for Zeta”.

Esse artigo foi escrito na segunda pessoa, o que o distancia da reportagem convencional e demonstra o desejo de evitar a apropriação da crise: O problema é “seu”, não meu ou nosso. (Sophie Hughes, tradutora de inglês de Melchor para três livros, captura a voz inexpressiva e inabalável que Melchor busca, independentemente de suas mudanças estilísticas ou estruturais.) O talento de Melchor para expor tropos narrativos fica mais claro na peça mais forte da coleção, “Rainha, Escrava, Mulher”, que elimina com determinação os tropos e suposições simplistas que estão associados às histórias de crimes reais. Melchor relata o caso de Evangelina Tejera Bosada, uma mulher de Veracruz que em 1989 foi condenada pelo assassinato de seus dois filhos, de 2 e 3 anos. , escreve Melchor: medo dos cartéis, desejo por vítimas femininas, fome por histórias de fantasmas. Melchor não está relitigando o caso de Bosada, mas sim analisando por que não podemos abandoná-lo. O que ela descobre é “uma sociedade que professa ser um enclave de sensualismo tropical, mas que no fundo é profundamente conservadora, classista e misógina”. Melchor não está inventando nada em termos gerais. A violência dos cartéis é há muito uma realidade em Veracruz. O linchamento de Soler foi bem documentado . O mesmo aconteceu com o julgamento e condenação de Bosada . Ela não está brincando com os fatos, mas sim com a forma como os fatos são transmitidos - história oral, primeira pessoa, segunda pessoa, história de fantasmas, lenda. Um jornalista menor massageia os detalhes para se ajustar mais perfeitamente a uma narrativa. Melchor está fazendo algo mais parecido com o oposto: brincando com a forma para expor as mentiras, hipocrisias, ódios e descuidos que suavizam ou evitam a realidade do mal humano. Melchor não afirma saber toda a história. Mas o que ela quer dizer é que devemos pensar duas vezes antes de fazermos também.

Athitakis é escritor em Phoenix e autor de “The New Midwest”.

Estado de Minas

Violência e desigualdade do México movem prosa de Fernanda Melchor

Mulheres do país latino-americano ganham destaque com livros fortes, perturbadores e premiados internacionalmente



Fernanda Melchor: reconhecimento internacional com os romances "Temporada de furacões" e "Páradais", lançados no Brasil pela editora Mundaréu(foto: juan-pablo-ampudia)

O México ultrapassou a fronteira e ganhou o mundo. Se, no cinema, os homens dão as cartas, com a consagração internacional de diretores como Alfonso Cuarón, Alejandro Iñárritu e Guillermo del Toro, na literatura são as mulheres que ganham maior destaque nos últimos anos. Além de livros aclamados como os de Valeria Luiselli ("Arquivo das crianças perdidas") e Guadalupe Nettel ("A filha única"), três escritoras colecionam prêmios e traduções ao utilizar a ficção para revirar traumas e cicatrizes deixados por um cotidiano violento de uma sociedade desigual: Fernanda Melchor ("Temporada de furacões" e "Páradais"), Cristina Rivera Garza ("O invencível verão de Liliana") e Brenda Navarro ("Casas vazias"). "Não concebo uma literatura asséptica na qual os personagens não estejam manchados com a realidade", afirma Navarro, editada no Brasil pela Dublinense. "Ainda é essencial mergulhar na especificidade de cada vida, na felicidade e luminosidade de cada vida, para verificar tudo o que perdemos – e aqui este plural se refere à comunidade em geral – quando uma mulher nos é tirada de

forma violenta”, acredita Rivera Garza, que demorou 30 anos para conseguir contar, em livro, a história do assassinato de sua irmã.

Os efeitos da violência também movem a prosa ágil da premiada Fernanda Melchor. Nascida em Veracruz, em 1982, Melchor teve o romance “Temporada de furacões” traduzido para 15 idiomas. No Brasil, o livro foi lançado em 2020 pela editora Mundaréu, a mesma que publicou o mais recente título da autora: “Páradais”, uma das últimas traduções de Heloisa Jahn (1947-2022). “Seria difícil (e mesmo indesejável) definir a literatura latino-americana, mas podemos dizer que um de seus traços marcantes e frequentes seja a violência – institucional, social, familiar, patriarcal, histórica”, comenta Silvia Naschenveng na apresentação da edição brasileira de “Páradais”. “Fernanda Melchor aborda a violência cotidiana no México contemporâneo para além dos estereótipos induzidos pelos noticiários e ficções sobre narcos, com o mesmo ritmo vertiginoso, sem pausa para fôlego, e a capacidade de narrar sob a pele das personagens”, complementa a editora da Mundaréu.

Com os dois livros, Fernanda Melchor recebeu duas indicações ao International Booker Prize, diversos prêmios internacionais e ganhou também uma bolsa para morar em Berlim. Após seguidas viagens de divulgação, a escritora voltou recentemente ao México para se dedicar ao novo romance. Nesta edição do Pensar, uma resenha dos dois livros de Melchor e entrevistas exclusivas com Cristina Rivera Garza e Brenda Navarro.

Fernanda Melchor: A tempestade que chamamos de progresso

“Foi tudo culpa do Gordo, era o que diria a eles.” Assim anuncia Polo, personagem central de “Páradais”, mais recente livro da escritora e jornalista mexicana Fernanda Melchor, autora também do romance “Temporada de furacões”, ambos editados no Brasil pela Mundaréu. Não fosse “Páradais” iniciar com toda a tragédia já concebida, estaríamos às voltas com uma espécie de romance que se constrói lentamente. É que Melchor já nos anuncia a catástrofe ocorrida, assim como em seu romance anterior, cujo corpo da Bruxa, fio narrativo de todo o texto, é encontrado no início da obra nas margens de um rio. Ainda que anunciada para os leitores, a real catástrofe está por vir, ao menos em seus detalhes mais precisos e violentos, à medida que adentramos, pouco a pouco, no mundo construído por Melchor.

Ambientado num condomínio de luxo de nome homônimo ao romance, “Páradais” é uma curta jornada sobre um crime cometido pelo jovem Polo, trabalhador e espécie de faz-tudo enfeitado de Paradais, e Gordo, apelido de Franco Andrade, adolescente rico que vive com os avós. É por meio de recursos como o discurso indireto livre e monólogos interiores vertiginosos, marcas da escrita de Melchor desde “Temporada de furacões”, que descobriremos a obsessão misógina e cruel de Gordo com Maríán, uma senhora de meia-idade. Quadro a quadro, Gordo se estabelece como um observador da vida da mulher, descrevendo suas fantasias sexuais a Polo enquanto bebem nos fundos do condomínio de luxo. É ali, nas escadas que dão acesso ao rio que cerca o condomínio, que Polo escuta de Gordo as comparações do corpo de Maríán com toda a sorte de objetos. É Polo, no entanto, para além das obsessões de seu amigo, quem trava uma guerra em seu cotidiano massacrante do trabalho. Máquina de moer ossos, Polo reproduz dia a dia uma jornada entre a sua cidade, Progreso, e Paradais. Nesse jogo de palavras, Melchor, mais uma vez, sustenta a sua interpretação sobre as sociedades contemporâneas, em especial ao México, cujo nexos social há muito tornou-se a violência. Não há redenção para trabalhadores como Polo. No lugar da obsessão de Gordo, surge para ele, trabalhador altamente



explorado, a possibilidade do alcoolismo e da fuga impossível do seu retorno todas as noites a Progreso.

Fluxo de consciência

De forma semelhante, Melchor nos apresenta os escombros do condado ficcional de La Matosa, lugarejo em que se passa “Temporada de furacões”. Por meio de um fluxo de consciência parecido ao de “Páradais”, à exceção dos diversos narradores que povoam a obra, a autora reflete sobre o mecanismo de esquecimento intrínseco à violência social que urge em sua obra.

A partir da aparição do cadáver, descrito como “o rosto putrefato de um morto entre os juncos e as sacolas de plástico que o vento empurrava da estrada, a máscara preta que fervilhava com uma miríade de cobras negras, e sorria”, a autora inicia uma busca dos rastros, se fazendo valer das múltiplas vozes que comentam sobre a história do corpo da Bruxa. Todos os habitantes do condado assumem a construção da memória de quem foi o cadáver diante de La Matosa. A personagem em questão é construída de modo em que tudo que é dito pelos habitantes opera como estatuto de verdade. Por ser fruto das elucubrações coletivas, todo o edifício que caracteriza a Bruxa está sob influência dos porões de desejos recalcados do modo operante da vila, modo esse que se faz valer do desaparecimento como dispositivo social e político. Na contramão dessa história, a autora assume o papel de exumação, convidando os cadáveres para se sentarem à mesa de jantar.

É por meio das tragédias íntimas de cada um dos habitantes que somos expostos aos trabalhos realizados pela Bruxa. Trabalhos mágicos, abortos, e todo tipo de encomendas, que os narradores recorrem apenas às sombras para solicitar. Esses mesmos desejos e libidos recalcados surgem em “Páradais” quando Polo escuta as confissões de Gordo acerca das atrocidades que permeiam seu imaginário cotidiano. Em uma sociedade em que as perspectivas de futuro foram zeradas pelas relações hostis de trabalho e também de sua ausência, como em “Temporada de furacões” e cujas trocas fazem da supressão do outro sua tônica principal, Melchor traz à tona a relação dos desejos mediados pela violência, em um contexto de disparidade e degradação total dos vínculos humanos e sociais.

Seja num condado ficcional, seja nas bordas de um condomínio de luxo, a única relação estabelecida é a da vigilância obsessiva e a perseguição misógina num fim de linha que nos lembra a todo o momento as ruínas do abismo civilizatório que nos cerca.

[L.S. / LUSA](#)

22 FEV 2024 09:29

Fernanda Melchor escreve com violência sobre o México para sacudir consciências

A escritora mexicana venceu o Prémio Literário Casino da Póvoa com o livro “Temporada de Furacões”.



Facebook Fernanda Melchor

A escritora mexicana Fernanda Melchor, que venceu na quarta-feira a 25.ª edição do Prémio Literário Casino da Póvoa, com o livro “Temporada de Furacões”, afirmou que escreve com violência e linguagem “para sacudir a consciência das pessoas”. Numa entrevista coletiva ‘online’ horas depois do anúncio do galardão, a escritora confessou que foi com “enorme surpresa” que recebeu a notícia do prémio às 04:00 e que, apesar de já ter recebido outros prémios internacionais, não esperava ser distinguida num concurso com tantos “grandes escritores e grandes livros”, afirmando ser para ela “um sonho”. “Temporada de Furacões” é um romance que foi escrito “num momento de crise” pessoal e do seu país, contou.

“Escrevi em 2015, publicou-se em 2017 no México, e é muito inquietante que as coisas não melhoraram, acho que pioraram. Continua a haver muitos crimes contra as mulheres, muitos crimes relacionados com as lutas contra a droga e os cartéis, delinquência organizada, mas também crimes praticados pelo próprio Estado”, disse.

Segundo a autora, nas pequenas cidades é pior, é onde se encontra “muita violência, muitos assassinatos, muita injustiça” e este romance “continua a ser um livro muito atual, quase 10 anos depois de ser escrito, continua a ser um livro que fala de uma realidade no México”. Fernanda Melchor contou que quando o escreveu estava “muito deprimida por tudo o que se passava no México, contra as mulheres, crimes de ódio contra homossexuais, contra pessoas trans, o desespero e o medo de que a qualquer momento se pudesse passar algo com a própria família”. “Agora o que me parece mais terrorífico não é a violência, mas a indiferença das pessoas. Quando escrevi este livro, o que queria era romper essa indiferença, porque o problema da droga, da violência, tem muitos anos, sempre existiu no México, mas nos anos 2000 houve um pico de violência e então escrevi este livro com estas palavras tão duras, com esta linguagem tão crua, com esta violência tão explícita porque queria sacudir a consciência das pessoas”, afirmou.

No entanto, considera que a literatura pode ter força para mudar alguma coisa, mas não tem essa obrigação. “Se queremos mudar o mundo, a literatura não é uma boa forma para fazê-lo, o ativismo parece melhor, mas a literatura serve para expressar a verdade do que vemos e o que eu quis com ‘Temporada de furacões’ foi a verdade do que via e ouvia, histórias que não apareciam nos jornais”.

Toda esta realidade sobre a qual escreve tem também muito a ver com a sua vida, revelou, exemplificando que quando era muito jovem experimentou também a sensação de não ter futuro, de querer escapar de obrigações familiares, da sociedade, das coisas que são impostas.

“Parece muito político, mas é um romance também muito pessoal, do desesperada que me sentia por ser mulher no México”.

Melchor admite, contudo, que o risco de escrever de uma forma “tão dura, tão crua, tão forte” é justamente o de que haja pessoas que não compreendam, mas explica que o que pretende “é expor a violência, não justificá-la”. O seu mais recente romance, “Paradise”, “é mais duro” – admite -, porque no primeiro há uma tentativa de compreender a violência, de ir ao fundo da alma humana e perceber porque sucedem estas coisas, pobreza, desintegração familiar, toxicodependência, alcoolismo, mães que não querem ser mães e são obrigadas a sê-lo, famílias que se atacam, e no final é também uma história de amor, onde o amor é procurado desesperadamente, por pessoas que como nunca foram amadas não sabem o que é ser amado, e confundem. “Em ‘Paradise’, o que queria mostrar era como a violência às vezes é simplesmente irracional, brutal, sem sentido, estúpida”. Fernanda Melchor é dona de um estilo narrativo que não deixa quem a lê indiferente e é por isso que, tal como é elogiada, também há pessoas que dizem que o que escreve “é pornografia”.

“E são capazes de ter razão, mas eu não escrevo sobre violência contra mulheres porque gosto dessa violência. Há qualquer coisa obscura aí, mas eu escrevo porque quero entender. Quando escrevi ‘Paradise’ pensei que o pior pesadelo é estares a dormir na tua cama e chegarem uns loucos a violentarem-te. Eu quis fundir-me nesse pesadelo, para ver o que saía daí, para ver o que podia entender e comunicar”.

Sobre os 25 mil euros do prémio, a autora disse que vai usá-los para continuar a escrever.